

ASPIRANTE

Cogitei chamar a polícia. Mas fiquei com receio de provocar um escândalo caso eu esteja errado em minha suspeita. Tenho quase certeza. Quase. Tem bastante gente na padaria. Poucos lugares para sentar, o que torna, acredito, o lugar mais seguro e diminui a chance dele me atacar, caso desconfie de algo.

Meu café está frio. Não tive como tomar. Com estas mãos trêmulas, eu derramaria na mesa ou em minha camisa. Ou meu estômago não aceitaria. Pedi por pedir. Não é normal o entrevistador estar nervoso numa entrevista. Mas pior mesmo é se meu entrevistado, o suposto aspirante a escritor não ficar nervoso. Por isso me concentro para diminuir o tremor das mãos.

Nem quando fui assaltado tremi tanto. Tremi depois, não na hora. Porque quando o sujeito apontou a arma pra minha cara, é como se tivessem tirado a pilha do meu cérebro. Reação nenhuma. Reflexo nenhum. Pensamento idem. Estava completamente despreparado e desprevenido praquela situação abrupta. Ele teve que pedir uma segunda vez o celular e a carteira, perguntando se eu "estava a fim de morrer". Mãos em movimento automático aos bolsos. Entreguei o que pediu, como anestesiado.

Não se trata de um ladrão agora. Pode ser um assassino. Um assassino em série. Talvez minha investida rode em manchetes mundo afora daqui uns dias - "Editor entrevista assassino" - ainda que com um desfecho trágico - "... e é alvejado".

O que me deixa mais triste é que o rascunho está bem escrito. Tem qualidade literária. Por que diabos o infeliz foi tomá-lo como roteiro para crimes reais? Por quê?! Eu não teria descoberto sozinho. Não fosse o Afonso, já meio alcoolizado, ter percebido a semelhança do assassinato no conto a um acontecido dias antes, eu teria publicado o texto autoral e confessional de um criminoso. O escândalo traria prejuízos irreversíveis - se não jurídicos, ao menos comercial e financeiro - para a editora. Teriam-me como um oportunista pior do que os apresentadores dos 'desgraça news' dos fins de tarde, que não assisto nem que me paguem. Foi por isso mesmo, por não assistir, que não fiquei sabendo do acontecimento real idêntico ao da ficção inédita. *"Parece aquele caso de Osasco. Até carteiro o infeliz era antes de se aposentar.*

Igualzinho". Disfarcei, mas fiquei em choque. Pedi licença para uma mijada, não sem antes recolher das mãos de meu amigo o original. E na frente da louça não fiz urina alguma. Apenas pensei no risco dele estar certo na dedução. Ao voltar, xinguei o escritor. "Copiando jornal pra escrever história! Filho da puta!". Ele riu, diminuindo: "acontece". Dei uma sacaneadinha, para reforçar: "cê já fez isso, Afonso? Escreveu alguma coisa baseada totalmente num único acontecimento, sem pôr nem tirar?". Com sua cara fechada de desaprovação, protestou: "Que pergunta, Osvaldo! Nem quando eu era mais moleque! Você conhece meus livros. Sabe que nunca fiz isso". Desculpei-me da brincadeira e me despedi, indo direto para casa.

Um quintal. Um corpo. Oito tiros. Uns no peito, outros na cabeça. Oito tiros no original, oito no texto da notícia. Mórbida semelhança. Oficina mecânica. Mecânico morto. Mesmo calibre. Mesmo nome do personagem executado e da vítima real. E no texto que achei mais interessante, um tiro na boca. O morto tombado numa cadeira, sentado bem ao centro de uma quadra de esportes. Teria sido um caso emblemático de suicídio, não tivesse o velho as mãos amarradas pra trás. Era hora de trazer gelo e visitar meu velho Chivas. Fazia tempo que não o via. A noite ia ser longa. E foi reabastecendo o copo numa das vezes que tive a ideia da entrevista.

Uma cerveja para tremer menos. Melhor: uma dupla de pinga amarelinha. Tomei o mais rápido possível. Anestesia boa! Encoraja um pouco sem tirar todo o reflexo. Ele vem chegando. Levou a sério. Apresenta-se como um candidato de emprego. Terno. Gravata. Se eu fosse lançá-lo, teria que fazer umas recomendações para se desvencilhar desta baboseira toda e se vestir como um escritor de verdade. Executivo puro. Um pequeno deboche meu, apesar do pavor. Deve ser o efeito do álcool.

- Bom dia! - Chega com um sorriso discreto e educado.
- Bom dia, Marcelo. Obrigado por vir. Quer pedir algo pra comer? - Apesar da minha gentileza, a cara dele é de estranhamento. Afasta-se um pouco.
- Não, obrigado, estou sem fome.
- Posso pedir um cafezinho para nós? É por minha conta.
- Não vai fazer mal, seu Osvaldo?
- Como assim?

- Nada. Eu gostaria muito de um cafezinho. Agradeço a gentileza. - Volta a sorrir.
- Moça, por favor! - Faço o pedido enquanto ele continua.
- É uma surpresa! Primeira vez que sou entrevistado por um editor. Isso significa que tenho alguma chance de ser publicado?
- Gosto de conhecer os interessados em lançar com a gente.
- Entrevista todos?
- Não! Todos não! Seria impossível.
- Então acho que estou certo. O senhor ficou interessado em meu texto.
- Fiquei sim. Me diga, como é seu processo de criação?
- Bom, eu... - Ele não continua. Parece desconfiado de alguma coisa. Nosso café chega.
- Se preferir não responder, pulo pra próxima pergunta. - Ele me olha nos olhos, calado. Continua depois de tomar um gole.
- Na verdade, não gosto muito de falar sobre isso.
- Ok, sem problemas. - Preciso continuar. Preciso de outra pergunta. - Você se dedica a outras atividades além de escrever?
- Eu respondi isso no questionário da editora.
- Tudo bem. Vamos reformular a pergunta: fale um pouco mais das atividades que indicou no questionário.
- Sou estudante de Direito e gosto muito do curso. Faço estágio em um Fórum. Estou aprendendo bastante.
- O curso e o estágio tem alguma relação com suas criações?
- Ah, com certeza! Vejo casos chocantes, que acabam se tornando um 'start' para eu escrever.
- Start...
- Sim, start.
- Ok, Marcelo. Acho que já é o suficiente. Se você for selecionado eu te ligo, tudo bem?
- Nossa, foi rápido!
- Costumo ser breve mesmo. É para não tomar muito tempo do entrevistado.

O momento crítico. A despedida. Minhas mãos já não tremem, e não atribuo isso ao uísque. Estou em choque. Você já teve a sensação da iminência de se tornar um cadáver? Sinto meu coração disparar. Ele se levanta e eu não repito o gesto. A polidez não serve aos mortos. Surpreso, agradece-me, estendendo a mão. Levo a minha de encontro, ainda sentado.

* * *

Pouso a cabeça nas mãos. Estou sentado à cama, porém desconfortável. Eu, um inimigo da certeza, naquela manhã fatídica que valeu por dez, e das de trabalho forçado. Me senti destruído quando saí da padaria. A única solução que me vem à cabeça é ir até o endereço que ele indicou na ficha anexada ao original e observá-lo.

Ela está linda. O belo vestido preto é novo. O jantar foi maravilhoso, mas não consigo me desligar do peso daquele assunto. Linda no restaurante. E linda agora, saindo do banheiro e tirando os brincos. *Perguntou algumas vezes, ainda durante o jantar, o que eu tinha. Ela percebeu. Elas percebem. "Muito trabalho". Resposta fácil, mas uma que tenho certeza que ela iria acatar, já que faz o mesmo que eu. Sofre igual. "Uma montanha de textos horríveis de pessoas que acham que podem ser chamados de escritores. E você, tem recebido bastante entulho estes dias?", joguei o assunto para ela. Contou-me, entre um gole no vinho e uma garfada que recebeu alguns originais interessantes nas últimas semanas. Inclusive do Marcelo. Claro, um escritor procura várias editoras, mas não deve fazer a mínima ideia de que dois editores de supostas concorrentes tem uma relação tão íntima.*

Mal consegui jantar e não ia conseguir fazer mais nada na companhia dela com aquele nó na garganta.

- Cláudia, tem uma coisa que tá me preocupando bastante.
- É, meu bem, percebi. - Olho para ela, não mais surpreso do que certo: elas percebem. Elas sabem.
- Não contei para ninguém, mas quero contar pra você.

- Me sinto feliz, mesmo sendo um problema. E você sabe que pode confiar em mim. - Me abraça brevemente e volta para perto do criado-mudo para tirar os acessórios.

- Promete que não vai me chamar de louco?

- Dependendo do que for, eu saio correndo, hein?

- Não é hora de fazer piada...

- Brincadeira, bobo. Pode falar tudo o que achar necessário. Pode se abrir comigo.

- O Marcelo, aquele do original da coleção de contos policiais, que conversamos mais cedo, lembra?

- Claro.

- Aconteceram crimes idênticos aos dos três primeiros contos dele. Nem tive coragem de verificar os outros. - Ela vira e me olha espantada. - Chamei ele hoje de manhã pra conversar. Tô desconfiado que os textos são confessionais e que ele é o assassino. Não consegui descobrir muito durante a conversa. Parece que ele desconfiou de algo. Eu sei que parece absurdo...

- Não é absurdo, claro que não. Coisas assim podem acontecer. - Ela me surpreende sempre. Mas nunca tanto quanto agora. Sinto vontade de chorar. Baixo novamente a cabeça, apoiando-a nas mãos. Tenho dificuldade em falar, mas prossigo.

- Eu não sei agora o que faço. Se conto pra mais alguém, se me arrisco e persigo o sujeito pra ter certeza, se conto para a polícia...

- Não precisa contar para mais ninguém.

Um clique. Uma frase - última dela - e, ao mesmo tempo, o pequeno barulho. Ela confiante. O lindo vestido preto. Uma arma apontada para mim. Anestesiado, novamente percebo: não se trata de um ladrão agora.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#). Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original (*Citar autoria de Gabriel L. Trizoglio e e-mail gabrieljboticabalcontato@gmail.com*). Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.